

Referências de FH a Deus se multiplicam

Presidente, que se dizia ateu, passa a insistir nas citações e divide religiosos

Vanice Ciocari

• SÃO PAULO. Para quem se dizia ateu, como o presidente Fernando Henrique Cardoso, sobram invocações a Deus na explicação dos problemas do país e das dificuldades do próprio Governo. A última foi na terça-feira, quando o presidente falou sobre a reforma da Previdência e a necessidade da idade mínima para a aposentadoria, na primeira entrevista coletiva que deu no ano.

— Quando eu digo, meu Deus, não pode, vamos ter que ter uma idade mínima na aposentadoria, tem que discutir se é verdade ou não. No mundo todo tem. Aqui não (...) — afirmou Fernando Henrique nos jardins do Palácio da Alvorada.

Há menos de 30 dias, o presidente tinha dito que a solução para a seca que assola o Nordeste “depende de Deus”. Desde a sua posse, Fernando Henrique recorreu à providência divina por mais de dez vezes em pronunciamentos e entrevistas, segundo levantamento de marqueteiros políticos.

Dom Tomás Balduino lembra o segundo mandamento

O arcebispo de Aparecida, dom Aloísio Lorscheider, diz que invocar Deus é “entrar em contato com Ele” e admite que em diversas ocasiões as expressões usadas por Fernando Henrique foram pertinentes. Dom Aloísio recebeu o presidente ontem para a inauguração do Centro de Apoio aos Romeiros do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Já o presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), bispo dom Tomás Balduino, lembra que o segundo dos Dez Mandamentos é “não tomar Seu Santo Nome em vão” e, como teólogo, diz que o presidente desrespeita este preceito religioso. A CPT é ligada à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e é um dos órgãos mais críticos à política social do Governo.

— Jogar um véu religioso pode ser uma forma de esconder a realidade. O Governo deve acreditar nos dados científicos sobre a política econômica e social e não usar o nome de Deus de forma leviana — aconselha dom Balduino, que é bispo de Goiás (GO).

Além de Deus, o presidente Fernando Henrique também invocou São Pedro e demonstrou uma boa dose de ecumenismo. Ano passado, ele afirmou ser cartesiano, mas disse ter uma “pitada de candomblé” em entrevista à revista “Veja” e gritou “aleluia”, depois de discursar numa manifestação de evangélicos em São Paulo, em setembro do ano passado.

Até a Light privatizada deu margem a referência a Deus

O presidente recorreu a Deus também quando dos seguidos blecautes no Rio, em fevereiro deste ano, quando a Light, recém-privatizada, deixou milhares de consumidores no escuro.

— O problema não é de privatização. É de eficiência, de relacionamento mais adequado com a população, e de pedir a Deus para que o verão seja menos forte — declarou o presidente, em Maragogi (Alagoas), ao ser perguntado sobre o problema no Rio.

Mas a menção a Deus não se restringe a fenômenos climáticos. Estende-se a questões econômicas como juros e balança comercial.

— Só Deus sabe quando os juros vão baixar — afirmou o presidente, depois do lançamento do pacote econômico em outubro do ano passado.

O mesmo “só Deus sabe” foi usado para responder à pergunta sobre quando o Brasil conseguiria equilíbrio na balança comercial. Na posse do deputado federal Antônio Kandir (PSDB-SP) na pasta do Planejamento, em junho de 1996, Fernando Henrique falou sobre “Deus introjetado”.

— Entusiasmo significa Deus introjetado. É grego, Theos. Você tem que ter esse sentimento, para que possamos mudar — disse

O PRESIDENTE E A FÉ

“Só Deus sabe se vai haver segundo turno”

• (sobre a queda nas pesquisas, em maio deste ano)

“O fim da seca depende de Deus”

• (6 de maio deste ano)

“O problema não é de privatização. É de eficiência, de relacionamento mais adequado com a população, e de pedir a Deus para que o verão seja menos forte”

• (sobre a falta de luz no Rio devido a problemas na Light, em fevereiro deste ano)

“Só Deus sabe quando os juros vão baixar”

• (após o pacote econômico de outubro de 97)

“Eu sou cartesiano, mas tenho uma pitada de candomblé”

• (entrevista à “Veja”, em 1997)

“Eu acredito em Deus, e já disse isso”

• (na campanha de 1994)

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

o presidente, dirigindo-se ao novo ministro Antônio Kandir.

Fernando Henrique Cardoso mudou em relação a Deus depois de perder a eleição para a Prefeitura de São Paulo em 1985, quando disputou com Jânio Quadros. Na época, ao participar de um debate na televisão, ele não respondeu quando foi perguntado se acreditava em Deus e isso teria tido um efeito negativo junto ao eleitorado cristão. Já na campanha presidencial de 1994, Fernando Henrique afirmou que respeitava Deus como manifestação de fé do povo. Elegeu-se e um dia depois da posse participou na Catedral de Brasília de um culto em Ação de Graças.

Dom Aloísio diz que nunca analisou lado religioso de FH

De acordo com dom Tomás Balduino, a Igreja deixa claro que usar o nome de Deus em vão significa citá-lo como uma forma de ironia, de hipocrisia ou de esconder a realidade dos fatos.

— Quem tem fé em Deus sabe ter responsabilidade e não toma seu nome de forma leviana. Eu não quero com isso impedi-lo (Fernando Henrique) de refletir sobre Deus, mas o pior caminho é utilizar o nome de Deus para esconder a realidade — afirma o bispo de Goiás, que considera ofensiva aos religiosos as declarações do presidente.

Já dom Aloísio pondera que nunca teve oportunidade de avaliar o lado religioso do presidente, mas acha que ele pode ter dificuldades em entender pontos do Evangelho.

— Não acredito que nosso presidente seja ateu. Pode ser que ele tenha dificuldades em entender pontos do Santo Evangelho — afirmou o arcebispo.

FH inaugurará Centro de Apoio aos Romeiros em Aparecida

Alheio à polêmica, o presidente Fernando Henrique aceitou o convite da Igreja para inaugurar em Aparecida, a 170 quilômetros de São Paulo, o Centro de Apoio aos Romeiros. A cidade é a sede do Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a santa padroeira do Brasil, e recebe anualmente a visita de sete milhões de fiéis. Em média 40 mil romeiros visitam o santuário todo domingo. É justamente para acolhê-los e impulsionar o turismo religioso que a Igreja construiu o centro, com custo total estimado em R\$ 26 milhões. São 36 mil metros quadrados de área construída, com praça de alimentação, lojas de souvenirs, estacionamento e 370 sanitários. Está prevista ainda a construção de um anfiteatro com capacidade para dez mil pessoas. ■